



Corpo humano visto em formas geométricas.
(Quadro de P. Picasso).



Paisagem, vista em formas geométricas.
(Quadro de A. Gleizes).

individualidade, que não participa de particularismo histórico algum nem de qualquer grandeza histórica”.

Mas a paixão pela verdade que dominava aquele pequeno burguês não se limitava a combater a fraseologia da “Aufklärung”, da Revolução e do positivismo comtista e sim tentava penetrar mais além e extirpar o mal pela raiz. Assim é que Sorel chegou a atacar Descartes e acusá-lo de ter, graças à sua doutrina lógica, contrabandeado para dentro da época moderna a escolástica que se estava mumificando e de ter assim, para o futuro, privado a humanidade de qualquer corrente espiritual viva. A partir de Descartes, todos os elementos concretos e reais foram sistematicamente “repelidos para as cavernas ocultas da abstração”.

Por último, na base de toda essa evolução intelectual a que tão profundamente odiava, descobriu Sorel a doutrina de Sócrates. Este autor do “arbitrio” e este pai do intelectualismo”, o engenheiro de Boulogne o submeteu, pela segunda vez, a processo, tornando depois de decorridos dois mil anos, a condená-lo outra vez à cicutina. A culpa de Sócrates, explica Sorel, consistira em ter oposto uma nova comunidade da razão à família criada segundo as leis da natureza, inaugurando assim a cisão que se ia perpetuar por toda a história universal, entre a ordem natural da vida e o espírito que tenta escapar-lhe. Conforme este ponto de vista, o filósofo grego seria “o mais brilhante e mais audacioso teórico” da “nova organização social baseada na família fictícia”.

Segundo Sorel, é com Sócrates que começa a decadência, não somente da civilização grega, como também de toda a civilização ocidental. Essa decadência, a partir daquele momento, progride irresistivelmente, até que na França do século XVIII, “os bobos inorais duma aristocracia degenerada” consigam consumir a transformação da literatura em jornalismo, da ciência em palestra de salões e de reuniões políticas.

Sorel tinha cinquenta e oito anos quando escreveu suas apaixonadas “Reflexões sobre a violência”. Os poetas moços, os escritores e os operários sindicalistas que se lhe reuniam em torno, todas as vezes que ia a Paris, chamavam-no de “le père Sorel”. Escutavam com espíritos atentos os discursos do “velho original”, nos quais a ciência enciclopédica se aliava a um modo sumamente original de considerar e avaliar as coisas.

Na sala estreita da redação dos “Cahiers de la Quinzaine”, na “rue de la Sorbonne”, os amigos de Charles Péguy se reuniam cada quinta-feira. “Nem sempre são os mesmos”, nos conta Michel Arnaud, “porém sempre contrasta com eles, que são quasi todos moços, a barba branca de *monsieur* Georges Sorel, que os domina. Não presi-